

O início da estrada

Ao iniciar esta colaboração com um Portal dedicado à prevenção e recuperação da dependência de Jogo a dinheiro, sinto-me tentado a começar por alertar para os malefícios dessa prática e inerentes consequências para a saúde de quem nela incorre.

No entanto gostaria de iniciar com uma visão positiva: relatar uma experiência portuguesa com projecção internacional.

O assunto mais frequente de ser abordado quando se conjuga dependência com o jogo a dinheiro, é o da relação do jogador com casinos, e/ou jogo clandestino, duas das principais fontes de aparecimento de novos casos de dependência.

Mas há mais fontes, infelizmente muitas mais, diria mesmo, cada vez mais: são os perigosíssimos jogos por via electrónica, dos quais como se disse numa recente Conferência científica onde tive ocasião de estar presente “o crack do jogo a dinheiro”, são as apostas tele-apresentadas de ciclo rápido (que não temos em Portugal), são os Bingos, e naturalmente embora em menor escala os Lotos e Lotarias.

Desde 1998-2003 ficou consagrado em corpo deontológico das associações internacionais de operadores de jogo, que qualquer operador tem o dever de atribuir uma fracção dos seus proveitos para a prevenção da dependência que decorre da essência do seu negócio.

Apesar desse reconhecimento tácito, poucos foram os operadores de jogo que desencadearam acções concretas e relevantes. Exceptua-se talvez

apenas os casos do Canadá, países Escandinavos, e mais recentemente o Reino Unido. Registo contudo que estão em marcha, com estádios de desenvolvimento muito diferentes, programas nacionais em pelo menos 31 países Ocidentais e alguns mais do Oriente. Em quase todos eles têm sido os operadores estatais os primeiros a iniciar esse caminho.

Por cá também foi o promotor público estatal de lotos e lotarias, a Santa Casa, que no seu exercício do Jogo Responsável, desde 2003 (embora ainda em pequena escala se tomarmos como referência comparativa o rácio entre receitas e capital empregue em jogo responsável), tem vindo a possibilitar o estudo do fenómeno de dependência em Portugal nas suas diferentes dimensões e origens.

Nesse projecto de longo prazo têm sido realizadas milhares de entrevistas por todo o país, ficando-se a conhecer a incidência e prevalência de dependência de jogo enquanto fenómeno epidemiológico nacional, bem como os aspectos fundamentais de caracterização do dependente de jogo português.

Um outro aspecto da maior relevância tem sido o teste e calibração face à cultura portuguesa, de instrumentos de medição e comparação epidemiológica internacional de dependência de jogo, tendo dessa pesquisa já sido produzida uma versão “oficial” da principal ferramenta, o SOGS, e conhecimentos comportamentais de duas outras afamadas ferramentas.

Avizinha-se uma nova etapa em que se começará a estudar a incidência de dependência e pré-dependência de jogo a dinheiro em menores, assunto que constitui na actualidade dos países economicamente desenvolvidos, o ponto fulcral da pesquisa e actividade preventiva dos operadores de jogo que praticam os conceitos subjacentes ao jogo responsável.

O conjunto destas pesquisas tem suscitado interesse por parte de operadores de outros países, bem como de entidades científicas internacionais, como seja o Centro de estudo e prevenção de dependência de jogo do Canadá, considerado um dos melhores centros de pesquisa do Mundo na matéria em apreciação, ou a Alta Autoridade dos EUA para a prevenção de dependência do Jogo a Dinheiro.

Nos próximos artigos falaremos de aspectos menos positivos.

Conto com a participação activa dos leitores, na colocação de dúvidas, sugestões, etc.

Henrique Lopes

Prof. Universitário na Universidade Católica Portuguesa,
Investigador em Gestão de Jogo e Epidemiologia da
Dependência do Jogo